

addicted to you
és o meu vício
série addicted | livro 1
krista & becca ritchie

Tradução de Sónia Silva

CAPÍTULO 1



Acordo. A minha *t-shirt* toda amassada no tapete felpudo. Os meus calções perdidos numa cómoda. E acho que a minha roupa interior desapareceu para sempre. Algures entre as dobras dos lençóis ou talvez escondida à entrada da porta. Não me consigo lembrar quando a tirei ou sequer se fui eu. Talvez *ele* me tenha despedido.

O meu pescoço aquece quando dou uma espreitadela rápida ao belo adormecido, um tipo com cabelo dourado e uma cicatriz ao longo da anca. Ele vira-se um tudo-nada de frente para mim e eu congelo. Os seus olhos permanecem fechados, e todo grogue agarra-se à almofada, praticamente a beijar o tecido branco. Enquanto ele solta roncos ofegantes de boca aberta, o cheiro forte a álcool e a piza de *pepperoni* vem direito a mim.

Sei mesmo escolhê-los.

Deslizo magistralmente da cama e ando na ponta dos pés pelo apartamento dele, puxando os meus calções pretos — sem as cuecas, mais umas perdidas para um tipo sem nome. Quando pego na minha *t-shirt* cinzenta rasgada, praticamente em farrapos, a imagem nebulosa da noite anterior torna-se nítida. Atravessei a soleira do quarto e literalmente rasguei as minhas roupas como o furioso Hulk. Isso é sequer *sexy*? Estremeço. Deve ter sido *sexy* o suficiente para ele dormir comigo.

Desesperada, encontro uma *t-shirt* de cavas largas no chão e consigo puxá-la sobre o meu cabelo castanho na altura dos ombros, os fios lisos

emaranhados e oleosos. É quando encontro o meu gorro de lã. Bingo. Enfio o gorro na cabeça e saio a correr do quarto dele.

Há latas de cerveja vazias espalhadas pelo corredor estreito, e eu tropeço numa garrafa de *Jack Daniel's*, cheia de saliva preta e o que parece ser um *Jolly Rancher*. Uma colagem de fotos de universitárias embriagadas decora a porta à minha esquerda, felizmente não o quarto de onde eu saí. De alguma forma, consegui esquivar-me daquele engatado do Kappa Phi Delta e encontrar um tipo que não se gaba das suas conquistas.

Eu já devia saber. Desisti das fraternidades depois do meu último encontro no Alpha Omega Zeta. Na noite em que cheguei à fraternidade, o AOA estava a dar uma festa temática. Sem saber, atravessei a arcada do prédio de quatro andares para me deparar com baldes de água e tipos a cantar para eu tirar o meu sutiã. Era como se as férias de primavera tivessem dado para o torto. Não que eu tenha muito no departamento superior para exhibir. Antes de ter um ataque de vergonha, agachei-me sob braços, enfei-me por entre troncos e encontrei prazer em outros lugares e com outras pessoas.

Aqueles que não me faziam sentir como se fosse gado a ser avaliado.

Ontem à noite, quebrei uma regra. Porquê? Eu tenho um problema. Bem, eu tenho muitos problemas. E dizer «não» é um deles. Quando os Kappa Phi Delta anunciaram que o Skrillex tocaria na sua cave, pensei que a multidão seria uma mistura de miúdas da fraternidade e universitários comuns. Talvez fosse capaz de encontrar um tipo normal que gostasse de música eletrónica. Acontece que o grupo demográfico era centrado nos tipos da fraternidade. Muitos. À caça de qualquer uma com dois seios e uma vagina.

E o Skrillex nunca apareceu. Era apenas um DJ patético com alguns amplificadores. Que surpresa.

Vozes profundas e *masculinas* ecoam nos balaústres de mármore na varanda e nas escadas, e os meus pés ficam petrificados. As pessoas estão acordadas? No andar de baixo? Oh, não.

A caminhada da vergonha é um risco que pretendo evitar nos quatro anos de faculdade. Primeiro, eu coro. De um vermelho-tomate intenso. Não me refiro a bochechas coradinhas fofas. Apenas a manchas parecidas com erupções cutâneas que pontilham o meu pescoço e braços como se eu fosse alérgica ao constrangimento.

Os risos masculinos intensificam-se, e o meu estômago dá um nó com a imagem do pesadelo às voltas na minha mente. Aquele em que desço as escadas aos tropeções e todas as cabeças se voltam na minha direção. O olhar de surpresa reveste os seus rostos, imaginando qual dos «irmãos» decidiu ficar

com a miúda magricela de peito liso. Talvez me atirem um osso de galinha, para me instigarem a comer.

Infelizmente, isso aconteceu no quarto ano.

Provavelmente, vou cuspir palavras ininteligíveis até que um deles tenha pena das minhas manchas de leopardo, vermelho-flamejante, e me arraste para fora da sua porta como lixo indesejado.

Isto foi um grande erro (a residência da fraternidade, não o sexo). Nunca mais serei forçada a server doses de tequila como um aspirador. Pressão dos colegas. É uma coisa real.

As minhas opções são limitadas. Uma escada. Um destino. A menos que me nasça um par de asas e voe pela janela do segundo andar, estou prestes a enfrentar a caminhada da vergonha. Rastejo até à varanda e de repente invejo a Veil de uma das minhas bandas desenhadas mais recentes. A jovem Vingadora pode vaporizar-se em nada. Um poder a que eu certamente gostaria de dar uso agora.

Assim que chego ao degrau mais alto, a campainha toca e eu espreito sobre o corrimão. Cerca de dez irmãos da fraternidade estão reunidos em sofás de couro, vestidos com várias versões de calções cáqui e polos. O tipo mais lúcido automeia-se para ir abrir a porta. Consegue manter-se direito sobre os dois pés, tem o cabelo castanho penteado para trás e o queixo intimidantemente quadrado. Quando ele abre a porta, o meu ânimo melhora.

Sim! Esta é a minha única oportunidade de me pôr daqui para fora sem ser vista.

Uso a distração para descer os degraus sem ser detetada, canalizando a minha Veil interior. A meio do caminho, o Queixo Quadrado apoia-se no batente da porta, bloqueando a entrada.

— A festa acabou, meu. — As palavras soam como algodão na sua boca. Ele deixa a porta fechar na cara da pessoa.

Desço mais dois degraus.

A campainha toca novamente. Por alguma razão, soa mais raivosa.

O Queixo Quadrado geme e puxa a maçaneta com força.

— O que foi?

Um outro tipo da fraternidade ri-se.

— Dá-lhe lá uma cerveja e diz-lhe para bazar.

Mais alguns passos. Talvez eu consiga mesmo fazer isto. Nunca fui uma pessoa particularmente sortuda, mas acho que já está na altura.

O Queixo Quadrado mantém a mão no batente, ainda a bloquear a passagem.

— Diz.

— Em primeiro lugar, parece-te que não consigo ler as horas ou, pior, que não sei qual o aspeto da *manhã*? Não me digas, não há festa nenhuma.

Céus... eu conheço esta voz.

Fico plantada a três quartos do fim. A luz do Sol escorre por um pequeno espaço entre a ombreira da porta e o polo laranja-tangerina do Queixo Quadrado. Ele cerra os dentes, prestes a bater com a porta na cara do outro tipo, mas o intruso coloca a mão sobre ela e diz:

— Deixei aqui uma coisa ontem à noite.

— Não me lembro de teres cá estado.

— Estive. — Faz uma pausa. — Fugazmente.

— Nós temos perdidos e achados — diz o Queixo Quadrado secamente.

— O que é que perdeste?

Ele afasta-se do batente da porta e acena para alguém no sofá. Eles assistem à cena como uma repetição de um *reality* na MTV.

— Jason, vai buscar a caixa.

Quando olho para trás, reparo no tipo que está lá fora. Olhos postos em mim.

— Não é preciso — diz ele.

Examino as suas feições. Cabelo castanho-claro, curto dos dois lados, maior em cima. Corpo decentemente tonificado escondido sob um par de *Dockers* desbotados e uma *t-shirt* preta de decote redondo. Umaz maçãs do rosto que cortam como gelo e olhos como uísque líquido. O Loren Hale é mesmo um pedaço de mau caminho, e nem sequer se apercebe disso.

Com quase um metro e noventa, ele preenche a ombreira da porta.

Enquanto olha para mim, mostra uma mistura de diversão e irritação, os músculos do maxilar contraindo-se com ambos. Os tipos da fraternidade seguem o seu olhar e topam o alvo.

Eu.

Bem podia ter aparecido do nada.

— Encontrei-a — diz o Lo com um sorriso tenso e amargo.

O calor sobe-me ao rosto, e eu uso as minhas mãos como um escudo humano, tentando cobrir a minha humilhação enquanto praticamente corro até à porta.

O Queixo Quadrado ri-se como se tivesse vencido o confronto masculino.

— A tua namorada é uma vadia, meu.

Não ouço mais nada. O ar fresco de setembro enche os meus pulmões, e o Lo bate a porta com mais força do que provavelmente pretendia. Encolho-me

nas minhas mãos, pressionando-as contra as bochechas quentes enquanto o incidente se repete na minha cabeça. Oh. Meu. Deus.

O Lo vem atrás de mim, os braços dele lançam-se à volta da minha cintura. Coloca o queixo no meu ombro, curvando-se um pouco para compensar a minha baixa estatura com a sua altura.

— É bom que tenha valido a pena — sussurra o Lo, o seu hálito quente a fazer cócegas no meu pescoço.

— O quê? — O meu coração sobe à garganta; a sua proximidade confunde-me e tenta-me. Nunca sei quais as verdadeiras intenções do Lo.

Ele guia-me enquanto caminhamos, as minhas costas ainda pressionadas contra o seu peito. Mal consigo levantar um pé, quanto mais pensar direito.

— A tua primeira caminhada da vergonha numa residência da fraternidade. Que tal é?

— Vergonhoso.

Ele dá-me um leve beijo na cabeça e afasta-se de mim, caminhando à minha frente.

— Entra lá, Calloway. Deixei a minha bebida no carro.

Os meus olhos começam a arregalar enquanto processo o que isso significa, gradualmente esquecendo os horrores que acabaram de acontecer.

— Tu não conduziste, pois não?

Ele lança-me um olhar do tipo *a sério, Lily?*

— Quando percebi que o meu condutor designado não estava disponível — ele levanta as sobranceiras acusadoramente —, liguei à Nola.

Ele ligou à minha motorista pessoal, e nem pergunto porque é que decidiu abrir mão do seu próprio motorista, que o levaria de bom grado por Filadélfia. O Anderson tem a língua comprida. No nono ano, quando a Chloe Holbrook deu uma festa de arromba, eu e o Lo estávamos a falar sobre as drogas ilegais que passavam de mão em mão na mansão da mãe dela. As conversas no banco de trás devem ser consideradas privadas entre todos os participantes do carro. O Anderson não deve ter percebido essa regra tácita porque, no dia seguinte, os nossos quartos foram invadidos para uma busca de parafernália ilegal. Por sorte, a empregada esqueceu-se de procurar na lareira falsa onde eu costumava guardar a minha caixa de brinquedos porno.

Saímos limpos do incidente e aprendemos uma lição muito importante. Nunca confiar no Anderson.

Prefiro evitar o serviço de carros da minha família e, assim, envolver-me ainda mais nas suas garras, mas às vezes a Nola é uma necessidade. Como

agora. Quando estou levemente de ressaca e incapaz de levar o constantemente bêbedo Loren Hale.

Ele nomeou-me sua condutora designada e recusa-se a desembolsar dinheiro para qualquer serviço de táxi depois de quase sermos assaltados num. Nunca contámos aos nossos pais o que aconteceu. Nunca lhes expliquei o quão perto estivemos de algo horrível. Principalmente porque passámos aquela tarde num bar com duas identidades falsas. O Lo bebeu mais uísque do que um homem adulto. E eu fiz sexo numa casa de banho pública pela primeira vez. As nossas indecências tornaram-se os nossos rituais, e as nossas famílias não precisavam de saber.

O meu *Escalade* preto está estacionado na berma da fraternidade. Casas multimilionárias alinhadas, cada uma a superar a próxima na altura das colunas. Há copos *Red Solo*¹ espalhados no quintal ao lado, e um barril virado ao contrário a derramar-se tristemente na relva.

O Lo continua a caminhar à minha frente.

— Não pensei que fosses aparecer — digo, e salto uma poça de vómito na estrada.

— Eu disse que viria.

— Isso nem sempre é certo — bufo.

Ele para à porta do carro, as janelas demasiado escuras para se ver a Nola à espera no lugar do condutor.

— Sim, mas isto é o Kappa Phi Delta. Fazes sexo com um e todos eles podem querer um pedaço do teu traseiro. Tive mesmo pesadelos com isso.

Eu estremeço.

— Sobre eu ser violada?

— É por isso que se chamam *pesadelos*, Lily. Não é suposto serem agradáveis.

— Bem, esta é provavelmente a minha última expedição a uma fraternidade por mais uma década, ou pelo menos até eu me esquecer desta manhã.

A janela do motorista desce. Os cachos negros e densos da Nola acariciam-lhe o rosto em forma de coração.

— Tenho de ir buscar a menina Calloway ao aeroporto dentro de uma hora.

— Estaremos prontos num minuto — digo-lhe.

A janela desliza para cima, bloqueando-a de vista.

— Qual menina Calloway? — pergunta o Lo.

¹ Copos vermelhos de plástico, tipicamente americanos, usados em festas universitárias. (N. de T.)

— A Daisy. A Semana de Moda em Paris terminou agora.

A minha irmãzinha cresceu da noite para o dia para uns impressionantes metro e oitenta, e com a sua estrutura longa e esbelta, ela encaixava-se no molde da alta-costura. A minha mãe aproveitou-se logo da beleza da Daisy. Na semana do seu décimo quarto aniversário, assinou contrato com a agência de modelos IMG.

Os dedos do Lo contorcem-se ao seu lado.

— Ela tem quinze anos, e provavelmente está cercada de modelos mais velhas que snifam droga na casa de banho.

— Tenho a certeza de que mandaram alguém com ela. — Odeio não saber os detalhes. Desde que cheguei à Universidade da Pensilvânia, adquirir o rude hábito de evitar telefonemas e visitas. Separar-me da família Calloway tornou-se muito fácil quando entrei na faculdade. Suponho que esse foi sempre o meu rumo. Eu costumava ultrapassar os limites da hora de recolher e passava pouco tempo na companhia da minha mãe e do meu pai.

— Sinto-me feliz por não ter irmãos. Francamente, tens suficientes *para mim*.

Nunca considereei que ter três irmãs fosse uma grande prole, mas uma família de seis atrai uma atenção única.

Ele esfrega os olhos, cansado.

— OK, preciso de uma bebida e temos de ir.

Inspiro profundamente, prestes a fazer a pergunta que os dois evitámos até agora.

— Vamos fingir hoje?

Com a Nola tão perto, é sempre uma jogada difícil. Por um lado, ela nunca traiu a nossa confiança. Nem mesmo no décimo ano, quando usei o banco de trás de uma limusina para comer um jogador de futebol do último ano. O separador de privacidade estava levantado, bloqueando a visão da Nola, mas ele gemeu um pouco alto de mais e eu bati na porta com demasiada força. Claro que ela ouviu, mas nunca me denunciou.

Há sempre o risco de um dia ela nos trair. O dinheiro solta os lábios e, infelizmente, os nossos pais nadam nele.

Não deveria importar-me. Tenho vinte anos. Sou livre para fazer sexo. Livre para me divertir. Sabem, todas as coisas que se espera de adultos em idade universitária. Mas a minha lista de segredos sujos (tipo, *realmente* sujos) poderia criar um escândalo dentro do círculo de amigos da minha família. A empresa do meu pai não ficaria nada satisfeita com essa publicidade. Se a minha mãe soubesse do meu problema sério, mandar-me-ia

para reabilitação e aconselhamento até que eu estivesse bem. Não quero ser consertada. Só quero viver e alimentar o meu apetite. Acontece que o meu apetite é sexual.

Além disso, o meu fundo fiduciário desapareceria magicamente ao verem a minha indecência. Não estou pronta para me afastar do dinheiro que paga a minha faculdade. A família do Lo é igualmente implacável.

— Fingimos — diz-me ele. — Vamos, amor. — Dá-me uma palmada no rabo. — Para o carro.

Mal reparo no seu uso frequente de *amor*. No secundário, eu disse-lhe que achava que era o termo mais *sexy* para carinho. E mesmo que os Britânicos reivindicuem a sua origem, o Lo tomou-o como seu.

Eu examino-o, e ele abre-se num amplo sorriso.

— A caminhada da vergonha deixou-te inválida? — pergunta. — Também é preciso levar-te à porta do *Escalade*?

— Isso é desnecessário.

O seu sorriso rasgado torna difícil não sorrir de volta. Ele inclina-se positivamente para me provocar, e desliza a mão para o bolso de trás dos meus calções.

— Se não saíres desse estado, eu ponho-te a mexer. Com força.

O meu peito desaba. Oh, caraças... Mordo o lábio, imaginando como seria o sexo com o Loren Hale. A primeira vez foi há tanto tempo que mal me lembro. Abano a cabeça. *Não vás por aí*. Viro-me para abrir a porta e subir para o *Escalade*, mas sou atingida por uma forte percepção.

— A Nola conduziu até à fraternidade... estou morta. Oh, meu Deus. Estou morta. — Passo as duas mãos pelo cabelo e começo a respirar como uma baleia encalhada. Não tenho uma boa desculpa para estar aqui, além de procurar um rapaz para dormir. E essa é a resposta que estou a tentar evitar. Especialmente porque os nossos pais acham que o Lo e eu estamos numa relação séria — uma que mudou os seus perigosos hábitos de folião e o transformou num jovem do qual o seu pai se pode orgulhar.

Isto, vir-me buscar a uma festa de fraternidade com um leve cheiro a uísque no hálito, não é o que o pai tem em mente para o filho. *Não* é algo que ele toleraria ou mesmo aceitaria. Na verdade, provavelmente gritaria com o Lo e ameaçá-lo-ia com o seu fundo fiduciário. A menos que queiramos dizer adeus aos luxos da nossa riqueza herdada, temos de fingir que estamos juntos. E fingir que somos dois seres humanos equilibrados e a funcionar na perfeição.

E nós simplesmente não somos. Nunca fomos. Os meus braços tremem.

— Uau! — O Lo coloca as mãos sobre os meus ombros. — Relaxa, Lil. Eu disse à Nola que a tua amiga organizou um *brunch* de aniversário. Estás safa.

Ainda parece que a minha cabeça vai sair a flutuar, mas pelo menos isso é melhor do que a verdade. *Ei, Nola, precisamos de ir buscar a Lily à fraternidade onde ela teve um caso de uma noite com um gajo qualquer.* E então ela olharia para o Lo à espera de que ele explodisse de ciúmes. E ele acrescentaria: *Ah, sim, eu só sou o namorado dela quando é preciso. Enganei-te!*

O Lo sente a minha ansiedade.

— Ela não vai descobrir. — E aperta os meus ombros.

— Tens a certeza?

— Sim — diz ele, impaciente. Entra no carro, e eu sigo-o. A Nola engata a marcha do *Escalade*.

— De volta ao Drake, menina Calloway? — Depois de anos a pedir-lhe para me chamar de qualquer coisa, até mesmo de *miúda* (por algum motivo, achei que isso a faria desistir de toda a etiqueta, mas acho que só a ofendi), desisti da tentativa. Juro que o meu pai lhe dá um pagamento extra pela formalidade.

— Sim — digo, e ela dirige-se para o complexo de apartamentos Drake.

O Lo bebe de uma garrafa térmica de café e, embora dê grandes goles, tenho a certeza de que a bebida cafeinada não o satisfaz. Encontro uma lata de *Diet Fizz* na consola central e abro-a. O líquido gaseificado escuro acalma o meu estômago agitado.

O Lo coloca um braço sobre o meu ombro, e eu inclino-me um pouco para o seu peito duro.

A Nola olha pelo espelho retrovisor.

— O senhor Hale não foi convidado para o *brunch* de aniversário? — pergunta num tom amigável. Ainda assim, sempre que a Nola entra em modo de interrogatório, isso mexe com os meus nervos e desencadeia a minha paranoia.

— Não sou tão popular como a Lily — responde o Lo por mim. Ele sempre foi muito melhor a mentir. Culpo o facto de ele estar constantemente bêbedo. Eu seria uma Lily muito mais confiante e segura se bebesse *bourbon* todo o dia.

A Nola ri-se, com a sua barriga gorda a bater no volante a cada gargalhada.

— Tenho a certeza de que é tão popular como a menina Calloway.

Qualquer um (aparentemente a Nola também) assumiria que o Lo tem amigos. Numa escala de atração, ele varia entre um vocalista de uma banda de *rock* que gostaríamos de foder e um modelo de passarela para a *Burberry* e

a *Calvin Klein*. Embora ele nunca tenha estado numa banda, uma agência de modelos procurou-o uma vez, querendo-o para uma campanha da *Burberry*. Retiraram a oferta depois de o ver beber diretamente de uma garrafa de uís-que quase vazia. A indústria da moda também tem padrões.

O Lo deve ter muitos amigos. Principalmente do tipo feminino. E geralmente elas vêm em bandos. Mas não ficam por muito tempo.

O carro percorre outra rua e eu conto os minutos na minha cabeça. O Lo inclina-se para mim enquanto os seus dedos roçam no meu ombro nu, quase carinhosamente.

Faço um breve contacto visual, o meu pescoço a queimar quando o seu olhar profundo encontra o meu. Engulo em seco e tento não o quebrar. Já que é suposto sermos namorados, eu não deveria temer os seus olhos cor de âmbar como uma miúda estranha e insegura.

— O Charlie vai tocar saxofone esta noite no Eight Ball. Convidou-nos para ir vê-lo — diz o Lo.

— Não tenho planos. — *Mentira*. Abriu um novo bar no centro da cidade chamado The Blue Room. Dizem que é tudo literalmente azul. Até as bebidas. Não vou perder a oportunidade de um engate numa casa de banho azul. Espero que tenha tampas de sanita azuis.

— Combinado.

O silêncio (do tipo estranho) fica mais denso depois de as suas palavras morrerem no ar. Normalmente, eu estaria a falar com ele sobre o The Blue Room e as minhas intenções nefastas para esta noite, a fazer planos já que sou a sua condutora designada. Mas num carro com censura, é mais difícil iniciar conversas com classificação adulta.

— O frigorífico está abastecido? Estou a morrer de fome.

— Acabei de ir ao supermercado — diz-me. Eu estreito os olhos, questionando se ele está a mentir para fazer o papel de bom namorado ou se realmente deu uma fugida até ao *Whole Foods*. O meu estômago ronca. Pelo menos todos nós sabemos que eu não menti.

Ele contrai o maxilar, chateado por eu não saber distinguir uma mentira de uma verdade. Normalmente eu consigo, mas às vezes quando ele é tão indiferente, fico confundida.

— Comprei tarte merengada de limão. A tua favorita.

Tenho uma náusea interna.

— Não era preciso. — *Não, realmente não era preciso*. Odeio merengue de limão. Obviamente ele quer que a Nola pense que é um bom namorado, mas a única namorada que o Loren Hale vai tratar bem é a sua garrafa de *bourbon*.

Paramos num semáforo, agora a apenas alguns quarteirões do complexo de apartamentos. Posso sentir o gosto da liberdade, e o braço do Lo começa a parecer mais um peso do que algo reconfortante nos meus ombros.

— Isto foi um evento informal, menina Calloway? — pergunta a Nola. *Quê? Ah... merda.* Os seus olhos fixos na *t-shirt* de cavas largas que eu apanhei do chão do tipo da fraternidade. Manchada e esbranquiçada com sabe Deus o quê.

— Hum, e-eu... — gaguejo. O Lo fica tenso ao meu lado. Pega na sua garrafa térmica e engole o resto da sua bebida. — E-eu derramei um pouco de sumo de laranja no meu *top*. Foi realmente embaraçoso. — Seria mesmo uma mentira?

O meu rosto arde incontrolavelmente e, pela primeira vez, congratulo-me com as manchas semelhantes a erupções cutâneas. A Nola olha com simpatia. Ela conhece-me desde que eu era demasiado envergonhada para fazer o juramento de fidelidade no jardim de infância. Cinco anos e tímida. Praticamente resume os meus primeiros anos de existência.

— Tenho a certeza de que não foi assim tão mau — consola-me.

A luz muda para verde e ela redireciona a sua atenção para a estrada.

Chegamos incólumes ao Drake. Uma imponente estrutura de tijolos castanhos que se projeta no coração da cidade. O histórico complexo de trinta e três andares abriga milhares de apartamentos e termina em triângulo no alto. Com influências barrocas espanholas, parece um cruzamento entre uma catedral espanhola e um antigo hotel vulgar de Filadélfia.

Adoro-o o suficiente para lhe chamar lar.

A Nola despede-se de nós e eu agradeço antes de saltar do *Escalade*. Assim que os meus pés batem no lancil, o Lo aperta a sua mão na minha. Os seus outros dedos percorrem a suavidade do meu pescoço, e os seus olhos seguem o meu decote. Ele coloca as mãos nas aberturas da minha *t-shirt* de cavas largas, tocando a nudez das minhas costelas, mas escondendo também os meus seios dos pedestres de Filadélfia.

Ele observa-me. Cada pequeno movimento. E o meu coração acelera.

— Ela está a ver-nos? — sussurro, perguntando-me por que razão ele parece querer devorar-me de repente. *É parte da nossa mentira*, lembro-me. *Isto não é real.*

Mas parece real. As suas mãos em mim. O seu calor na minha pele macia.

Ele lambe o lábio inferior e aproxima-se para sussurrar:

— Neste momento, sou teu. — As suas mãos correm pelas cavas da minha *t-shirt* e ele coloca-as nos meus ombros nus.

Prendo a respiração e fico imobilizada. Sou uma estátua.

— E como teu namorado — murmura —, odeio realmente partilhar. — Então, mordisca divertido o meu pescoço, e eu bato-lhe no braço, mas sou vítima da sua provocação.

— Lo! — grito, o meu corpo a contorcer-se sob os seus dentes que me beliscam levemente a pele. De repente, os seus lábios aproximam-se, a beijar, a sugar a base do meu pescoço e a subir. Os meus membros tremem, e eu seguro com força as presilhas do meu cinto. Ele sorri entre cada beijo, sabendo o efeito que tem em mim. Os seus lábios a pressionar o meu maxilar... o canto da minha boca... ele para. E eu contenho-me de o tomar nos meus braços e terminar o serviço.

Ele desliza a língua para dentro da minha boca, e eu esqueço-me da falsidade das suas ações e acredito, por momentos, que ele é realmente meu. Beijo-o de volta, um gemido preso na minha garganta. O som revigora-o, e ele aproxima-se, mais firme e brusco do que antes. *Sim*.

E então abro os olhos e vejo que o *Escalade* já não está na berma. A Nola já se foi. Não quero que isto acabe, mas sei que deve. Então, paro o beijo primeiro, tocando nos meus lábios inchados.

O seu peito sobe e desce pesadamente, e ele encara-me por um longo momento, sem se desprender.

— Ela já se foi — digo-lhe. Odeio o que o meu corpo anseia vorazmente. Poderia facilmente enrolar uma perna em volta da sua cintura e empurrá-lo contra o prédio. O meu coração palpita de emoção por isso. Não sou imune àqueles olhos cor de âmbar quentes, àqueles que um alcoólico funcional como o Lo tem. Cativantes, vidrados e poderosos. Que gritam constantemente: *Fode-me!* Que me torturam daqui até à eternidade.

Com as minhas palavras, o seu maxilar endurece. Lentamente, ele tira as mãos de mim e esfrega a boca. A tensão estende-se entre nós, e o meu instinto diz-me para *saltar*, para atacá-lo como um pequeno tigre-de-bengala. Mas não posso. Porque ele é o Loren Hale. Porque temos um sistema que não pode ser sabotado.

Depois de um longo momento, faz-se um clique na sua cabeça, horrorizado.

— Diz-me que não chupaste um tipo.

Oh, meu Deus.

— Eu... ah...

— Porra, Lily. — Ele começa a limpar a língua com os dedos e dramaticamente pega no que sobrou do seu frasco e enche a boca, cuspendo-o no chão.

— Esqueci-me. — Encolho-me. — Ter-te-ia avisado...

— Claro.

— Não sabia que me ias beijar! — Tento defender-me. *Senão teria encontrado pasta de dentes na casa de banho daquela fraternidade. Ou algum elixir bucal.*

— Estamos juntos — diz ele. — Claro que te vou dar a porra de um beijo. — Com isso, ele guarda o seu frasco e aponta para a entrada do Drake. — Encontramo-nos lá dentro. — Vira-se, andando de costas. — Sabes, no *nosso* apartamento. Que compartilhamos, *como um casal*. — Ele faz aquele sorriso amargo. — Não demores muito, amor. — Pisca-me um olho. E parte de mim desfaz-se total e completamente numa papa. A outra parte está simplesmente confusa.

Perceber as intenções do Lo causa-me dores de cabeça. Recuo, tentando desmascarar os seus verdadeiros sentimentos. Aquilo era fingimento? Ou era real?

Afasto as minhas dúvidas. Estamos numa *falsa* relação há três anos. Vivemos juntos. Ele já me ouviu a vir-me no quarto ao lado. Eu vi-o dormir no seu próprio vômito. E mesmo que os nossos pais acreditem que estamos a um pequeno passo do noivado, nunca mais faremos sexo. Aconteceu uma vez, e isso tem de ser suficiente.

CAPÍTULO 2



Inspecciono o conteúdo do frigorífico. Champanhe e marcas caras de rum na maior parte do espaço. Abro uma gaveta e descubro um saco patético de palitos de cenoura. Como uma rapariga que frequentemente queima milhares de calorias a esfregar-se em pélvis, preciso da minha proteína. Já ouvi comentários maldosos o suficiente sobre a minha figura magra para desejar carne nas minhas costelas. As raparigas podem ser cruéis.

— Não posso acreditar que mentiste sobre as compras — digo, irritada. Fecho o frigorífico e salto para o balcão. Por mais histórico que afirmem que o Drake é, o interior parece mais um refúgio moderno. Eletrodomésticos brancos e prateados. Bancadas brancas. Tetos e paredes brancas. Se não fossem os nossos móveis estofados a vermelho e cinzento e a decoração de arte emoldurada inspirada em Warhol, estaríamos a morar num hospital.

— Se eu soubesse que ia passar na casa do Próximo Idiota da Fila, ter-te-ia comprado um *bagel* no Lucky's.

— Comeste esta manhã? — Encaro-o.

Ele lança-me um olhar do tipo *dah*.

— Um *burrito* de pequeno-almoço. — Aperta-me o queixo; ainda é mais alto do que eu, apesar de eu estar em cima do balcão. — Não fiques assim, querida. Eu podia ter ficado no restaurante enquanto encontravas o teu próprio caminho para casa. Queres que eu retroceda no tempo?

— Sim, e enquanto me deixas a escapar da residência da fraternidade, podes ir às compras como disseste à Nola.

Ele pousa as mãos em cada um dos meus lados, prendendo eu a respiração.

— Mudei de ideias. Não gosto dessa realidade. — Quero que ele se incline, mas, em vez disso, ele recua e começa a recolher garrafas de bebidas dos armários brancos. — A Nola tem de pensar que eu te alimento, Lil. Estás um bocado esquelética. Quando respiras, acho que consigo ver as tuas costelas. — Os *rapazes* podem ser cruéis. Ele serve uísque para um copo quadrado ao meu lado.

Franzo os lábios e abro um armário acima da sua cabeça. Quando o fecho com força, ele encolhe-se e entorna uísque nas mãos.

— *Jesus*. — Encontra uma toalha para limpar a poça de álcool. — Será que o senhor Kappa Phi Delta não fez o seu trabalho?

— Não foi mau.

— Não foi mau — diz o Lo, erguendo as sobrancelhas. — O que qualquer homem gosta de ouvir.

Vergões vermelhos surgem nos meus braços expostos.

— Os teus cotovelos estão a corar — diz-me, um sorriso a crescer enquanto emborca. — És como a Violet do Willy Wonka, só que tu comeste uma cereja mágica.

— Não fales de comida. — Gemo.

Ele inclina-se, e eu enrijeço. *Oh, caraças...* Em vez de me tomar nos seus braços, algo que eu imagino num lapso momentâneo de fraqueza, roça na nudez da minha perna enquanto tira o seu telemóvel do carregador. Fico novamente imobilizada. O toque mal o perturba, mas as minhas entranhas ondeiam de ânsia e desejo. Se ele fosse um desconhecido, ruivo e cheio de acne, eu continuaria a sentir-me assim. Talvez.

Talvez não.

A minha fantasia baralha-se: o Lo deixa ficar os dedos no meu joelho. Inclina-se bruscamente sobre mim, prendendo-me sob o seu peso. As minhas costas arqueiam contra os armários...

— Mando vir uma piza se fores tomar banho. Cheiras a sexo, e eu estou a chegar ao meu limite de inalar fedor estranho masculino.

O meu estômago desaba, e a minha fantasia desvanece-se em realidade. Odeio imaginar o Lo e eu juntos sem castidade porque, quando dou por mim, ele está a centímetros, e eu pergunto-me se ele consegue perceber. Conseguirá?

Examino-o enquanto ele bebe o seu uísque. Depois de um longo momento de silêncio, franze as sobrancelhas e olha para mim, tipo, *mas que diabos?*

— Vou ter de me repetir?

— O quê?

Ele revira os olhos e bebe um grande gole, sem sequer fazer uma careta enquanto a acidez do álcool desliza para dentro.

— Tu, banho. Eu, piza. Tarzan come Jane. — Morde o meu ombro.

Eu recuo.

— Queres dizer Tarzan *gosta* de Jane? — Salto do balcão, prestes a lavar da minha pele a residência da fraternidade.

O Lo abana a cabeça em tom de gozo.

— Não este Tarzan.

— O álcool torna-te mau — digo, casualmente.

Ele levanta o copo em concordância enquanto eu sigo pelo corredor. O nosso espaçoso apartamento de dois quartos disfarçado de covil de namorados. Fingir estarmos juntos há três anos não tem sido fácil, principalmente desde que começámos este estratagema no último ano do ensino secundário. Quando nos decidimos pela mesma faculdade, foram os nossos pais que propuseram a nossa situação de coabitação. Eles não são muito conservadores, mas, mesmo assim, duvido que compreendessem ou concordassem com o meu estilo de vida, levando mais tipos para a cama do que é apropriado para uma jovem.

A minha mãe citou a experiência universitária da minha irmã mais velha como motivo suficiente para dividir um espaço com o meu «namorado». A colega de quarto que calhou à Poppy trazia amigos a qualquer hora, mesmo durante a semana de exames, e costumava deixar a sua roupa suja (incluindo as cuecas) na cadeira da escrivânia da minha irmã. O seu comportamento imprudente foi o suficiente para a minha mãe se decidir por um alojamento fora do *campus* para mim e empurrar o Lo diretamente para o meu quarto.

No geral, tem corrido bem. Lembro-me de me sair um peso do peito quando as portas se fecharam e a minha família se foi embora. Deixando-me sozinha. Deixando-me ser eu.

Entro na peculiar casa de banho e tiro a roupa. Uma vez no banho quente, expiro. A água lava o cheiro e a sujidade, mas os meus pecados vieram para ficar. As memórias não desaparecem, e eu tento desesperadamente não imaginar esta manhã. A acordar. Eu adoro sexo. É com o depois que ainda não sei lidar.

Deito champô na mão e ensaboo o meu cabelo castanho. Às vezes

imagino o futuro. O Loren Hale a trabalhar para a empresa *Fortune 500* do seu pai, com um fato justo que lhe aperta no colarinho. Está triste. Nunca o vejo sorrir nas minhas divagações do futuro. E não sei como mudar isso. O que é que o Loren Hale ama? Uísque, *bourbon*, rum. O que poderá ele fazer depois da faculdade?... Não vejo nada.

Talvez seja uma coisa boa eu não ser vidente.

Vou ficar com o que sei. O passado — quando o Jonathan Hale levou o Lo para jogos informais de golfe com o meu pai presente. Eu ao seu lado. Falaram sobre o mesmo de sempre. *Stock*, empreendimentos e colocação de produtos para as suas respetivas marcas registadas. O Lo e eu brincámos à *Guerra das Estrelas* com os nossos tacos de golfe, e eles repreenderam-nos quando eu magoei as costelas do Lo, abanando o meu sabre de luz à toa e com muita força.

O Lo e eu poderíamos ter sido amigos ou inimigos. Estávamos sempre a encontrar-nos. Em maçadoras salas de espera em conferências. Em escritórios. Em galas de caridade. Na escola preparatória. Agora, na faculdade. O que se poderia ter tornado uma relação conflituosa com provocações constantes, tornou-se algo mais clandestino. Partilhamos todos os segredos, formando um clube de duas pessoas. Juntos, descobrimos super-heróis numa pequena loja de banda desenhada em Filadélfia. Há algo nas aventuras galácticas de Havok e nas dificuldades de viajar no tempo de Nathaniel Grey que se conectou connosco. Às vezes, nem mesmo o Ciclope ou a Emma Frost arranjariam uma solução para os nossos problemas, mas ainda lá estão, para nos lembrar de tempos mais inocentes. Aqueles em que o Lo não bebia e eu não fazia sexo ao acaso. Eles permitem-nos revisitar esses momentos calorosos e genuínos, e eu retorno a eles com prazer.

Termino de esfregar a devassidão da noite passada do meu corpo e enfito os braços num roupão felpudo. Prendo-o à volta da cintura enquanto vou para a cozinha.

— Piza? — pergunto tristemente, reparando nos balcões vazios. Tecnicamente, eles estão tudo menos vazios, mas fiquei tão indiferente às garrafas de bebidas do Lo que elas se tornaram invisíveis ou um qualquer utensílio de cozinha.

— Está a caminho — diz. — Para de me fitar com esses olhos de cachorrinho. Parece que vais chorar a qualquer momento. — Encosta-se ao frigorífico, e eu subconscientemente olho para o fecho das suas calças de ganga. Imagino o seu olhar na alça do meu roupão. Não olho para cima para não estragar a imagem. — Quando foi a última vez que comeste?

— Não tenho a certeza. — Tenho uma mente unidirecional, e não envolve comida.

— Isso é perturbador, Lil.

— Eu como — tento defender-me. Vejo-o puxar-me o roupão na minha fantasia. Talvez o devesse deixar cair para ele. *NÃO! Não faças isso, Lily.* Olho finalmente para cima e ele observa-me tão atentamente que o meu rosto começa de imediato a aquecer.

Sorri para o gole do seu copo. Quando o desce, lambe os lábios.

— Queres que eu o desabote, amor, ou é melhor esperar que fiques de joelhos?

Fico boquiaberta, mortificada. Ele viu através de mim. Sou tão óbvia!

Com a mão livre, empurra o botão pelo buraco e abre o fecho lentamente, mostrando o cós dos seus boxers pretos justos. Observa a minha respiração, irregular e esporádica. Depois, tira as mãos das calças e apoia os cotovelos no balcão.

— Lavaste os dentes?

— Para — digo-lhe, demasiado rouca. — Estás a dar cabo de mim. — A sério, *todo* o meu corpo, não apenas os pulmões, está a hiperventilar.

As maçãs do seu rosto afinam, o maxilar retesa-se. Ele coloca a bebida na mesa e, em seguida, corre o fecho das calças, apertando novamente o botão.

Engulo em seco e dou um salto, tensa, para o banco alto de madeira cinzento. Passo os dedos trémulos pelo meu cabelo emaranhado e molhado. Para parar de repetir o momento, finjo que nunca aconteceu e volto à nossa conversa anterior.

— É um bocado difícil estar sempre a comer quando nunca temos comida. — Comemos fora com *demasiada* frequência.

— Acho que não tens nenhum problema em estares sempre a comer — diz ele —, só que não é comida.

Mordo o interior das bochechas e mostro-lhe o dedo do meio. As palavras dele magoam mais do que se viessem de qualquer outra pessoa. Mas o Lo tem o seu próprio problema bem na palma da mão. Todos o podem ver, e quando olho dele para a bebida, o seu sorriso aberto endurece. Pressiona a borda do copo nos lábios e vira-me as costas.

Não falo com o Lo sobre *sentimentos*. Sobre como ele se sente ao ver-me levar para casa um tipo diferente todas as noites. E ele não me pergunta como é vê-lo afogar-se no esquecimento. Ele reprime o seu julgamento e eu retenho o meu, mas o nosso silêncio gera uma tensão entre nós, inevitável. Fica tão tenso que às vezes só me apetece gritar. Mas guardo cá dentro. Contenho-me.

Cada comentário que enfraquece os nossos vícios quebra o sistema existente. Aquele em que vivemos sendo livres para fazer o que quisermos. Eu, a ter sexo com qualquer um. Ele, a beber a toda a hora.

Toca a campainha ao lado da porta. Piza?! Sorrio e vou até ao intercomunicador no *hall* de entrada, pressionando o botão.

— Olá?

— Menina Calloway, tem uma visita aqui em baixo. Posso deixá-la subir?
— diz a segurança de serviço.

— Quem é?

— A sua irmã Rose.

Gemo interiormente. Nada de piza. É hora de fingir com o Lo mais uma vez, mesmo que ele goste de manter a farsa quando ninguém está por perto, só para me provocar.

— Mande-a subir.

O Lo entra em modo maratona e corre pela cozinha, a fechar garrafas em armários trancados, despejando a própria bebida num copo azul. Eu pego no comando e a televisão de ecrã plano muda para um filme de ação. O Lo lança-se para o sofá de tecido cinzento e atira os pés para cima da mesa de centro de vidro, agindo como se tivéssemos estado imersos no filme na última meia hora.

Dá palmadinhas no colo.

— Anda para aqui. — Aqueles olhos de âmbar a nadar em malícia.

— Não estou vestida — respondo. E o ponto entre as minhas pernas já pulsa intensamente por ficar perto dele. O pensamento eletrifica os meus nervos.

— Estás de roupão — rebate. — Já te vi nua muitas vezes.

— Quando éramos crianças — respondo.

— E tenho a certeza de que as tuas mamas não cresceram desde essa altura.

Fico de queixo caído.

— Oh, tu és... — Encontro uma almofada na cadeira ao lado e começo a agredi-lo. Acerto-lhe dois bons golpes antes de ele me rodear a cintura e me puxar para o seu colo.

— Lo — aviso. Ele esteve a provocar-me *o dia todo*, tornando mais difícil resistir-lhe do que é normal.

Observa-me intensamente, e a sua mão passeia pela minha rótula, subindo pelo roupão e acomodando-se na parte interior da minha coxa. Para aí, sem fazer o movimento seguinte. *Porra*. Tremo por baixo dele, a ansiar que

vá mais longe. Sem pensar, coloco a minha mão na dele e movo os seus dedos em direção ao ponto latejante. Empurro-os para dentro de mim. Ele enrijece.

Céus... Os meus dedos dos pés curvam-se, e eu descanso a testa no seu ombro largo. Aperto a mão dele com força, não o deixando fazer nada sem a minha permissão. Quando estava prestes a mover os seus dedos para dentro e para fora, soa uma batida na porta.

Desperto repentinamente. O que é que estou a fazer?! Não consigo olhar para o Lo, deixo que ele recupere a mão e afasto-me dele.

O Lo hesita.

— Lil?

— Não fales sobre isto — digo, mortificada.

A Rose bate mais alto.

Levanto-me para ir abrir, caminhando com mais tensão em *todo o lado* do que antes.

Ouçõ os passos do Lo atrás de mim, e o ranger da torneira quando ele a abre. Olho para trás e vejo-o a lavar os dedos com sabão.

Sou uma idiota. Quando giro a maçaneta, respiro fundo, tentando limpar a minha mente da má combinação: sexo e Loren Hale. Tê-lo como meu companheiro de quarto é como colocar cocaína à frente de um drogado. Seria mais fácil se eu me deitasse com ele, mas prefiro não transformar a nossa relação em amigos com benefícios. Ele significa mais para mim do que os outros tipos com quem me deito.

A porta abre, revelando a Rose: dois anos mais velha, cinco centímetros mais alta e duas vezes mais bonita. Ela entra no apartamento, a mala *Chanel* a balançar no braço como uma arma. A Rose assusta crianças, animais de estimação e até machos adultos, com os seus olhos de gelo e olhares assustadores. E se há alguém capaz de desmascarar o nosso falso plano, é a mais feroz das minhas irmãs.

Neste momento, perco o viço só de cruzar o olhar com o Lo, quanto mais fingir estar numa relação com ele. Não pergunto à Rose porque é que veio sem ser convidada e sem avisar. É típico dela. É como se se sentisse dona de todos os lugares. Especialmente do meu.

— Porque é que não atendeste as minhas chamadas? — A voz dela em camadas de gelo. Levanta os grandes óculos de sol redondos para o topo da cabeça.

— Hum... — No *hall* de entrada, procuro num cesto de chaves que está em cima de uma mesa redonda. Geralmente é onde está o fugitivo do meu telemóvel, que encontra todas as oportunidades para levantar âncora da minha

peessoa, e não ajuda que eu não tenha uma mala, um problema que a Rose gosta de reavivar. Mas não preciso de um item que irei perder no apartamento ou dormitório de um tipo. E aí ele pode encontrar uma maneira de o devolver, e terei de interagir com ele uma segunda vez.

A Rose bufa.

— Perdeste-o? *Outra vez?*

Renuncio à busca, encontrando apenas algumas notas de dólar, ganchos e umas chaves do carro.

— Acho que sim. Desculpa.

A Rose volta os seus olhos de abutre para o Lo, que limpa as mãos num pano da loiça e o atira para um lado.

— E tu? Também perdeste o telemóvel?

— Não. Só não gosto de falar contigo.

Au, estremeço. A Rose suga as bochechas enquanto um calor vermelho as ruboriza. Os saltos dela batem contra o piso de madeira, aproximando-se dele na cozinha.

Os dedos dele ficam brancos contra o copo de plástico azul que esconde a sua bebida.

— Eu sou uma *convidada* no teu apartamento — riposta a Rose. — Trata-me com algum respeito, Loren.

— O respeito é conquistado. Da próxima vez, talvez devesse ligar antes de aparecer, ou talvez devesse começar com *ei, Lo, ei, Lily, como correu o vosso dia*, não a exigir coisas como uma cabra da realenza.

A Rose volta a cabeça para mim.

— Vais deixá-lo falar comigo assim?

Abro a boca, mas as palavras perdem-se na incerteza. A Rose e o Lo estão constantemente a picar-se, a ponto de me irritar, e eu nunca sei qual apoiar: a minha irmã, que às vezes consegue ser tão má a ponto de vomitar ódio até doer, até mesmo a mim, ou o Lo, o meu melhor amigo e meu *suposto* namorado, a minha única constante.

— Que maturidade — diz o Lo com desagrado —, fazer a Lily escolher lados como se ela fosse um cão que tem de escolher um pai favorito.

As narinas da Rose abrem em protesto, mas os seus olhos amarelo-esverdeados de gato, tentam amenizar.

— Desculpa — diz-me, soando surpreendentemente apologética. — Só me preocupo contigo. Todos nós. — Os Calloway não compreendem a palavra «sozinho» ou como alguém pode querer privacidade da sua família. Em vez de serem os pais ricos e negligentes, os meus consomem tudo. Tínhamos

uma ama quando éramos mais novos, mas a minha mãe mergulhou em todos os aspetos das nossas vidas, por vezes muito presente, mas também incrivelmente dedicada e carinhosa. Eu amaria a minha família e o seu apego se não estivesse tão envergonhada com as minhas atividades diárias (e noturnas).

Algumas coisas precisam de ser mantidas em segredo.

— Bem, estás a ver-me. Estou bem — digo, recusando-me a olhar para o Lo. Há dois minutos, estava prestes a fazer tudo e mais alguma coisa com ele. Essa *vontade* de sentir prazer não diminuiu, só a minha estupidez de o fazer com ele é que sim.

Os olhos dela estreitam-se em fendas e olha-me de cima a baixo. Eu aperto o roupão, perguntando-me se ela consegue perceber o estado do meu corpo só de olhar. O Lo, sem dúvida, consegue.

Depois de um breve momento, ela retrai as garras.

— Eu não vim aqui para discutir. — *Claro...* — Como sabes, amanhã é domingo, e a Daisy estará cá para o almoço. *Alegaste* ter perdido os últimos por causa dos exames, mas significaria muito para a nossa irmã se pudesses dedicar algumas horas dando-lhe as boas-vindas a casa.

O meu estômago vazio aperta com culpa.

— Sim, claro, mas acho que o Lo já tem planos, por isso, ele talvez não possa ir. — Bem, pelo menos posso salvá-lo da obrigação.

Os lábios da Rose franzem enquanto dirige a sua irritação para o Lo.

— O que é mais importante do que acompanhar a tua namorada a um evento familiar?

Tudo, imagino-o a dizer. Ele contrai o maxilar enquanto refreia uma resposta de chico-esperto. Provavelmente a morrer de vontade de mencionar que este é um evento que acontece *todos* os domingos, independentemente de a Daisy comparecer ou não.

— Tenho *squash* agendado com um amigo. — Ele mente com facilidade. — Posso cancelar se isso significar muito para o Greg e a Samantha. — O Lo sabe que para a Rose estar a preocupar-se com o almoço, os meus pais vão certamente explodir se eu aparecer sem ele pelo braço. Vão tirar conclusões irracionais: como ele estar a trair-me, ou a ir atrás do seu passado infantil de festas. Ele ainda festeja (talvez até mais), mas é melhor que eles não saibam disso.

— Significaria o mundo para eles — diz a Rose, como se ela tivesse o poder de falar por outras pessoas. — Vejo-vos aos dois amanhã. — Ela para à porta e olha para as calças de ganga e *t-shirt* preta lisa do Lo. — E, Loren, tenta vestir-te apropriadamente.

Ela sai, os saltos a bater à distância.

Solto um longo suspiro e reoriento a minha mente. Um impulso de terminar o que comecei com o Lo consome-me, e sei que não devo voltar.

— Lily...

— Estarei no meu quarto. Não entres — ordeno. Ontem fiz o *download* de um novo vídeo chamado *Master of You*. Planeava vê-lo muito mais tarde, mas vou mudar a minha agenda.

— E quando a piza chegar? — pergunta, bloqueando-me o caminho para o corredor.

— Não vou demorar. — Tento escapar, mas ele estende a mão para a parede. O seu bíceps flexiona com o movimento, e eu dou um grande passo para trás.

Não, não, não.

— Estás excitada — diz ele, os olhos ainda nos meus.

— E se não me tivesses provocado, eu não estaria nesta posição — digo, frenética. — Se eu não conseguir saciar isto, vou ter de passar a minha tarde a vaguear por Filadélfia à procura de um tipo que queira uma rapidinha. Obrigadinha.

O Lo faz uma careta e deixa cair as mãos ao seu lado.

— Bem, agora estou encajado com um almoço com a tua família, por isso, acho que estamos quites. — Ele vira-se, deixando-me passar.

— Não entres — advirto-o novamente, com olhos esbugalhados. Tenho mais medo do que vou fazer com ele se ele entrar.

— Eu nunca entro — lembra-me. Com isto, vai para a cozinha e acena brevemente, bebendo o resto do seu uísque.

Depois do meu segundo banho, e da automedicação na forma de estrelas porno e de um vibrador caro, visto-me finalmente: umas calças de ganga e uma blusa com decote em V castanha.

O Lo está sentado na sala a comer piza e a passar pelos canais. Um novo copo de uísque equilibra-se na sua perna.

— Desculpa. — Peço desculpa com facilidade.

Os olhos dele piscam brevemente para mim antes de voltarem para a televisão.

— Pelo quê?

Por enfiar os teus dedos em mim.

— Por te envolver no almoço de domingo. — Sento-me insegura numa poltrona vermelha em frente ao sofá.

Ele observa-me como sempre o faz, avaliando o meu estado atual. Engole o pedaço de piza.

— Honestamente, não me importo de ir. — Limpa os dedos num guardanapo e pega no copo. — É melhor ser com o teu pai do que com o meu.

Concordo. Tão verdade.

— Então... Estamos bem?

— *Tu* estás? — Ergue as sobrancelhas.

— Mmm-hmm — murmuro e evito contacto visual, pegando numa fatia de piza e voltando a correr para a segurança da minha cadeira. Distância segura, *check*.

— Vou tomar isso como um sim *fraco*, considerando que nem consegues olhar para mim agora.

— Não és tu; sou eu — digo com a boca cheia, lambendo o molho do meu dedo.

— Mais uma vez, o que qualquer homem gosta de ouvir. — Consigo sentir os seus olhos a demorarem-se no meu corpo. — Nem sequer me estou a atirar a ti agora.

— Não comeces — aviso, levantando um dedo. — Juro, Lo.

— Está bem, está bem. — Suspira. — Vais ao The Blue Room hoje à noite, não vais?

Recuo em estado de choque.

— Como é que sabes?

Ele olha para mim, do tipo, *a sério?*

— Raramente vais ao mesmo bar mais de três ou quatro vezes. Por um tempo, pensei que teríamos de mudar de cidade para que pudesses encontrar um lugar para... — Ele faz uma pausa, tentando encontrar as palavras. — ... foder. — Faz aquele sorriso cruel.

— Muito engraçadinho. — Tiro um pedaço de *pepperoni* do queijo. — Precisas de um motorista sóbrio esta noite? Posso deixar-te em algum lado antes de sair. — Não tenho problema nenhum em recusar cerveja ou outras bebidas.

— Não, eu vou ao bar contigo.

Escondo a minha surpresa. Ele só se aventura comigo em noites específicas, e estas variam com muita frequência para que eu possa entendê-las.

— Queres ir ao The Blue Room? Tens noção de que aquilo é um clube de dança e não um tasco qualquer?

Ele lança-me outro olhar.

— Estou bem ciente. — Agita os cubos de gelo no copo, a olhar para o

líquido. — De qualquer forma, isso irá impedir-nos de ficar até tarde e perder o almoço de amanhã.

Ele tem razão.

— Se não te importares que eu... — Não consigo sequer terminar o pensamento.

— Que me deixes para ir comer um gajo? — diz, atirando os pés para a mesa de centro ao lado da piza.

Abro a boca, mas perco os meus pensamentos novamente.

— Não, Lil — diz —, não te vou atrapalhar no que tu queres.

Às vezes pergunto-me sobre os seus desejos. Talvez ele queira estar comigo. Ou talvez ainda esteja a fingir.